

DO MURO ÀS REDES: BANKSY, O MOVIMENTO FREE ZEHRA DOĞAN E A CONVERGÊNCIA ENTRE ARTE E COMUNICAÇÃO

Amanda Zanco¹
Dimas Künsh²

Resumo: O texto, de natureza descritivo-interpretativa, orientado mais a mostrar que a demonstrar, se desenvolve a partir do estudo do caso *Free Zehra Doğan*. A jornalista e artista curda Zehra Doğan, da Turquia, foi presa por postar uma de suas obras nas redes sociais, sendo acusada de subversão. O caso ganhou expressão internacional por meio de um mural, em Nova York, do artista anônimo britânico Banksy, que provocou mobilização por meio da arte, do muro às redes sociais, criando assim a oportunidade de uma voz sufocada ser ouvida. O texto trabalha com a ideia do poder da arte como articuladora de conhecimento e de compreensão do outro, problematizando uma convergência possível entre comunicação, cultura e mídias digitais.

Palavras-chave: Convergência; Movimentos em rede; Banksy; Free Zehra Doğan.

Abstract: The text, of a descriptive-interpretative nature, oriented more to show than to demonstrate, develops from the study of the *Free Zehra Doğan* case. Kurdish journalist and artist Zehra Doğan, from Turkey, was arrested for posting one of her works on social networks and was accused of subversion. The case gained international expression through a wall, in New York, by the anonymous British artist Banksy, who provoked mobilization through art, from the wall to social networks, thus creating the opportunity for a suffocated voice to be heard. The text works with the idea of the power of art as articulator of knowledge and understanding of the other, problematizing a possible convergence between communication, culture and digital media.

Keywords: Convergence; Network movements; Banksy; Free Zehra Doğan.

Introdução

Em crescente medida, como se sabe e as pesquisas em Comunicação o indicam, os avanços tecnológicos digitais conduzem as pessoas a novos e diferentes patamares de relações, vínculos e conexões entre si e com o mundo, no multifacetado terreno dos movimentos em rede, possibilitando o que tem sido chamado de convergência das mídias e, principalmente, da cultura. Porque a convergência é, antes, de natureza cultural, como defende Jenkins (2009), e não só e nem em primeiro lugar de tecnologias, por mais que o senso comum assim o entenda. Trata-se, em resumo, por ter

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp). Formada em Publicidade e Propaganda pela mesma universidade. Bolsista CNPq. E-mail: amandajzanco@gmail.com

²Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) E-mail: dimas.kunsch@metodista.br.

a ver com cultura, de novas condições de produção de significados sobre o mundo e sobre a vida, que alteram para o bem e para o mal os processos comunicacionais.

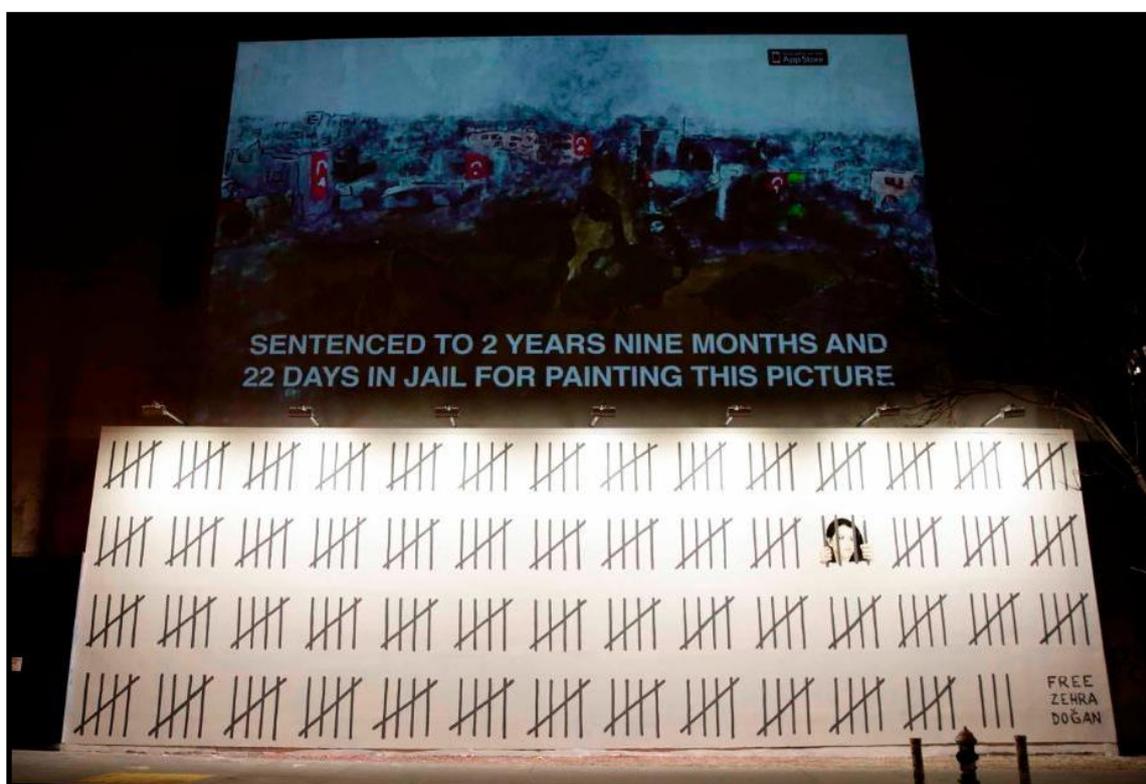
As redes permitem nos mantermos distantes e próximos uns aos outros ao mesmo tempo. Outro dado é que nos conectamos e mobilizamos, em geral, quando dividimos interesses comuns. É no contexto dessas novas formas de vínculos nas redes que nos aproximamos do tema deste estudo, o caso *Free Zehra Doğan*. A artista e jornalista curda foi presa por pintar e postar em suas redes sociais um quadro sobre a guerra que assola o seu país uma semana após a tentativa fracassada de golpe militar, em julho de 2016. O governo turco a acusou de propaganda subversiva e de se associar ao Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), de oposição³. De acordo com o portal de notícias DW (2016), aproximadamente 7,5 mil pessoas foram detidas na repressão ao golpe. Cidadãos turcos contrários ao governo afirmam que tudo não teria passado de um “golpe falso”, organizado pelo próprio presidente Erdogan para se consolidar no poder.

O artista britânico, de identidade desconhecida, que assina como Banksy, um dos principais nomes da arte de rua da atualidade, decidiu mais uma vez fazer da arte uma expressão de solidariedade e um grito em favor da justiça. Ele levou às ruas de Nova York o seu protesto contra a prisão de Zehra Doğan por meio de um mural que rodou o mundo no ambiente das redes digitais (Figura 1).⁴ Banksy é ao mesmo tempo um artista e um comentarista social, um diretor de cinema e um ativista político. Por meio de suas obras, critica a sociedade de consumo, a mídia, a propaganda, o autoritarismo e o uso discriminatório do poder. Seu mural, como irá ficar claro no desenrolar de nossa exposição, proporcionou maior visibilidade ao tema da prisão da jornalista curda, desencadeando outros movimentos em rede, tanto nas mídias digitais como em outras plataformas e ambientes, em torno da *#freeZehraDoğan*.

³ O governo turco acusa o PKK de lutar pela criação de um estado autônomo para os curdos, a maior população sem Estado do mundo. Somam cerca de 15 milhões os curdos que habitam a Turquia, o chamado Curdistão Turco, aproximadamente a metade da população curda espalhada também em partes do território da Síria, do Iraque e do Irã.

⁴ A artista, jornalista e ativista curda Zehra Doğan nasceu em 1989 em Diyarbakir, na Turquia. Ela fundou uma agência de notícias curda feminista, que foi fechada pelo governo em outubro de 2016 junto com pelo menos uma centena de outros meios de comunicação. Suas obras conjugam retratos da sociedade tradicional curda com ativismo político.

Figura 1 - Mural de Banksy em Nova York



Fonte: CNN Style (2018)⁵

Este artigo — que podemos, antes, chamar de ensaio, por seu caráter conversacional, dialógico mais que argumentativo (ADORNO, 1986; FLUSSER, 1988) — propõe-se a pensar sobre a arte como produção de conhecimento e, também, como

⁵ Disponível em: <https://edition.cnn.com/style/article/banksy-new-york-zehra-dogan-intl/index.html>. Acesso em: 6 mar. 2019.

um meio para a compreensão do Outro, num ambiente de culturas convergentes. A noção de “compreensão” é entendida na linha de algumas sugestões teóricas e epistemológicas feitas pelo grupo de pesquisa “Da compreensão como método”, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, a Umesp,⁶ bem como de uma autora que fundamenta muito bem essa noção em sua obra, Hannah Arendt. Para ela, com efeito, a compreensão, sempre muito difícil e distinta da “informação correta e do conhecimento científico”, é uma atividade que não conhece um fim, “por meio da qual, em constante mudança e variação chegamos a um acordo e a uma conciliação com a realidade, isto é, tentamos sentir o mundo como a nossa casa” (ARENDR, 2008, p. 330).

O objetivo principal do texto é discutir, a partir do caso Zehra Doğan, uma relação específica entre arte, comunicação e mídias digitais. De modo mais próprio, para ficarmos no interior do quadro de preocupações de um ensaio, o que se pretende de fato, mais do que chegar a conclusões, é conversar sobre o tema, mantendo o foco na afirmação da arte como forma de conhecimento. Fazê-lo significa assumir com força a crítica ao positivismo como “paradigma que pressupõe uma única forma de conhecimento válida, o conhecimento científico” (SANTOS, 1989, p. 34), para, num ato cognitivo e político de relevância, aprofundar o diálogo da prática científica “com as demais práticas de conhecimento de que se tecem a sociedade e o mundo” (SANTOS, 1989, p. 16).

No caso em estudo, a arte se mostra uma ferramenta apta a articular um protesto na criação de significados sobre o mundo, e os movimentos em rede, um ambiente favorável à aproximação entre as pessoas e sua mobilização em prol de uma causa comum.⁷ Assim, a seu modo, a arte e as mídias em rede nos trazem mais próxima a Turquia atual, a repressão, o drama curdo, e não por último a capacidade de pessoas ao

⁶ Para um entendimento mais amplo do método da compreensão tanto em seus significados teórico-epistemológicos quanto intersubjetivos e éticos, consultar o site do grupo de pesquisa (www.dacompreensao.com.br), onde um conjunto de textos disponíveis dá conta dessa explicitação. Ver também os três últimos trabalhos apresentados no GT “Comunicação e Cultura” da Compós durante o Encontro Nacional da Associação, nos anos de 2016 (KÜNSCH; MENEZES, 2016), 2017 (KÜNSCH; MENEZES; PASSOS, 2017) e 2018 (KÜNSCH; CHIACHIRI, PASSOS, 2018).

⁷ Um dos exemplos historicamente mais marcantes da arte como grito de protesto é “Guernica”, de Pablo Picasso, uma expressão lancinante da dor das vítimas e do ódio do artista contra o fascismo da ditadura do general Franco, que, no contexto da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), se alia ao nazismo de Hitler para bombardear, sob o signo da suástica, e massacrar a população indefesa da pequena cidade basca de Guernica, na manhã ensolarada do dia 26 de abril de 1937, dia de feira na cidade. Picasso pensava o pincel como uma arma na luta contra os opressores, e Zehra Doğan, como apontaremos adiante, vê nele um grande modelo.

redor do mundo assumirem-se solidárias contra as injustiças, na medida em que as tecnologias de rede o permitem na atual fase de nosso desenvolvimento histórico e cultural. O método que utilizamos é predominantemente descritivo e interpretativo, privilegiando a conversa e a reflexão sobre o tema — como nos indicam e sugerem tanto o gênero do ensaio quanto o pensamento da compreensão.

O poder do spray na denúncia social

“É preciso muita coragem para, numa democracia ocidental, se erguer anonimamente e clamar por coisas em que ninguém mais acredita – como paz, justiça e liberdade”, escreve Banksy, em *Wall and Piece*, lançado em 2005.⁸ No mundo das artes literárias e do cinema, o espírito aventureiro, a vida ao ar livre e a luta por direitos das minorias são características do herói mítico Robin Hood, mas os fãs de Banksy apostam que seu artista é assim. Aliás, Banksy mesmo costuma afirmar que precisa do anonimato para se proteger da lei e da ordem e que se aproxima ao Príncipe dos Ladrões na realização de um ato ilegal e na luta por um povo marginalizado.

A frase latina “*ridendo castigat mores*” (algo como o humor investe contra, destrói ou abala a moral, o costume ou a lei), do poeta francês Jean de Santeuil, parece reger os princípios criativos para a construção das narrativas visuais de Banksy. Ele se apropria da ironia para a produção de sentido sobre o mundo, de forma crítica. Nele se tem às vezes a impressão que a ironia fere mais que a espada.

Um exemplo do uso de diferentes plataformas digitais pelo artista britânico para divulgação de suas obras ao redor do mundo foi a residência artística *Better Out Than In*, algo como “melhor fora que dentro”. A ação de Banksy em Nova York, em 2013, fornece um exemplo de como o artista apropria-se da esfera pública e virtual. Ele promoveu 31 dias de “caça ao tesouro”, um trabalho novo a cada dia espalhado pelos diversos bairros da cidade. As pessoas acompanhavam pelas plataformas digitais e pelos meios de comunicações suas intervenções. Essas ações nos aproximam do caso Zehra Doğan, que representa em nossa visão um bom exemplo do poder da arte, da comunicação e da sociedade em rede.

De acordo com reportagem publicada pelo jornal *O Globo* (2018), o mural em Nova York, de que estamos tratando neste texto, é claro em seu objetivo de protestar

⁸ No original: “I like to think I have the guts to stand up anonymously in a western democracy and call for things no-one else believes in - like peace and justice and freedom” (BANKSY, 2005, p. 31)

contra a prisão de Zehra Doğan. O artista fez um conjunto de riscos simulando grades de cela, cada uma representando um dia que a artista e jornalista curda passou presa. A imagem de Zehra Doğan aparece na lateral, “atrás das grades”, e em uma das mãos ela segura uma caneta. O mural de Banksy é assinado com a frase *Free Zehra Doğan*.

A obra que provocou a prisão da jornalista curda, como mostra a Figura 1, foi reproduzida na parte superior. O artista publicou seu trabalho em sua rede social (Instagram), com a hashtag *#freeZehraDoğan*, tendo declarado para o *The New York Times* (2018): “Eu realmente sinto muito por ela. Eu já pinte coisas que mereciam muito mais uma prisão”.

O caso de Zehra Doğan

“Eu quero repetir o ensinamento de Picasso: você realmente acha que um pintor é apenas alguém que usa o seu pincel para pintar insetos e flores? ”, pergunta Zehra Doğan em uma carta escrita na prisão, em 2016. “Nenhum artista volta as costas à sociedade; um pintor precisa usar o pincel como uma arma contra os opressores”, ela mesma responde.⁹ Na fala da ativista curda, a arte aparece como uma ferramenta de luta. O conhecido slogan da “arte pela arte” se entende melhor como “a arte pela liberdade”.

As divergências de Zehra Doğan com o governo Recep Tayyip Erdoğan começaram em julho de 2016, quando foi presa em um café em Nusaybin, uma cidade de 92.323 habitantes, localizada na província de Mardin. Em março de 2017, foi absolvida da acusação de pertencer a uma organização ilegal, mas acabou sendo condenada a 2 anos, 9 meses e 22 dias de prisão por postar em suas redes sociais sua pintura da cidade de Nusaybin após um ataque das Forças turcas. *The Voice Project* (2018), site do projeto que apoia a liberdade de expressão e a arte como ativismo, esclarece que os advogados da promotoria usaram a pintura de Doğan e as postagens nas mídias sociais como prova contra ela.¹⁰ A artista se defende, argumentando que suas atividades são jornalísticas.

Zehra Doğan, que em 2015 ganhou o prêmio de Jornalismo Metin Göktepe¹¹ pelo seu trabalho com as mulheres *yazids*¹², foi presa sob as acusações que já

⁹ Disponível em: <https://www.laizquierdadiario.com/Zehra-Doğan-el-pincel-como-arma-contra-los-opresores>. Acesso em: 6 mar. 2019.

¹⁰ Disponível em: <http://voiceproject.org/takeaction/free-zehra-dogan/>. Acesso em: 6 mar. 2019.

¹¹ Prêmio criado em abril de 1998, concedido aos jornalistas que defendem a integridade da profissão enfrentando pressões e obstáculos. O nome é em homenagem ao fotojornalista turco torturado e brutalmente morto sob custódia da polícia em Istambul em 1996.

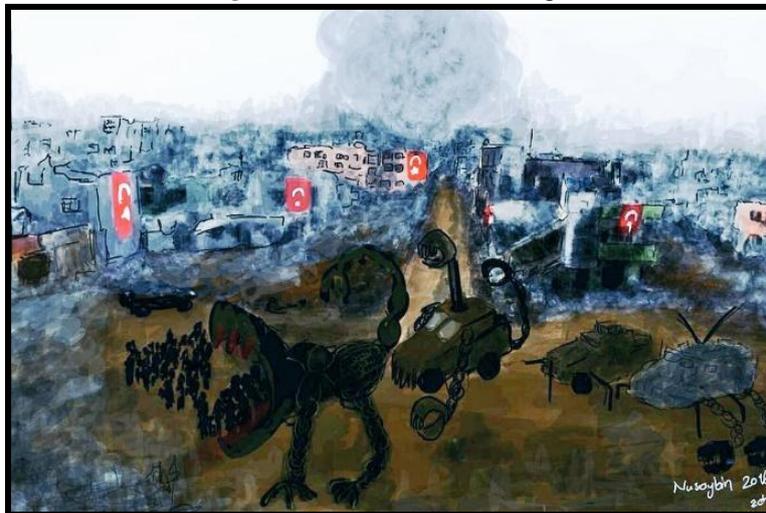
conhecemos. Sua obra é uma representação artística de uma foto tirada da cidade turca por um funcionário do próprio Estado (Figura 2). Zehra Doğan representa os veículos militares com patas e ferrões de escorpião e, na fachada dos edifícios semidestruídos, aparece a bandeira turca (Figura 3).

Figura 2 - Foto da cidade de Nusaybin



Fonte: Instagram de Banksy (2018)¹³

Figura 3 - Pintura de Zehra Doğan



Fonte: Instagram de Banksy (2018)¹⁴

O poder das redes

¹² Comunidade étnico-religiosa curda, cujos membros praticam uma antiga religião sincrética. A maior parte dos membros vive na província de Ninawa, norte do Iraque.

¹³ Disponível em: <https://www.instagram.com/banksy/?hl=pt-br>. Acesso em: 5 out. 2018 .

¹⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/banksy/?hl=pt-br>. Acesso em: 6 mar. 2019.

Tomando como base os estudos desenvolvidos por Lee Siegel (apud Martino, p. 129) e aplicando-os ao caso que aqui nos ocupa, pode-se inferir que Banksy, quando posta uma foto ou vídeo em sua rede social, espera ser visto, apreciado, divulgado, “de alguma maneira espera ser *consumido* de acordo com uma lógica de produção que mobiliza milhões de pessoas ao mesmo tempo no planeta inteiro”, como expressa a autora, responsável também pelo grifo que aparece na frase.

As redes são abertas, em constante movimento e sem fronteiras. De acordo com Manuel Castells (2017), o poder na sociedade em rede é o poder de comunicação, sendo comunicação, nessa acepção, o processo de compartilhar significados pela troca de informações. A principal fonte da produção social de significado é o processo de comunicação socializada, que se caracteriza, como expressa Castells (2017, p. 21), por grande diversidade, sendo que a construção simbólica depende das mensagens e estruturas criadas, formatadas e difundidas nas redes de comunicação multimídia.

Castells (2017, p. 24) descreve os movimentos sociais em rede como movimentos que, no melhor sentido do termo, “exercem um contrapoder construindo-se, em primeiro lugar, mediante a um processo de comunicação autônoma, livre do controle dos que detêm o poder institucional”, e “as redes sociais digitais oferecem a possibilidade de deliberar sobre e coordenar ações de forma amplamente desimpedida”.

No plano individual, para Castells (2017, p. 28), os movimentos sociais são emocionais, começam a partir do momento em que a emoção se transforma em ação. Uma característica distintiva da mente humana é a capacidade de imaginar o futuro; a esperança é um ingrediente fundamental no apoio à ação com vista a um objetivo.

Assim, os movimentos em torno da *#freeZehraDoğan* surgiram a partir de vínculos nas redes organizados por um tipo de identidade social e cidadã e de aproximação ao tema; a partir da visibilidade promovida pelo artista britânico por meio de sua arte e pelas redes sociais. Nota-se, pelas páginas virtuais dedicadas à artista, pelas exposições internacionais de suas obras, pelo compartilhamento da *hashtag* nas redes sociais e pelo mural de Banksy em Nova York, que pessoas de vários países se mobilizaram em prol de uma causa comum.

A cibercultura, escreve Santaella (2003, p. 103), é de natureza heterogênea, e nela os usuários acessam sistemas de todas as partes do mundo, permitindo desse modo a interação com pessoas e culturas às quais, em caso normal, muitos jamais teriam acesso. O envolvimento com o protesto contra a prisão de Zehra Doğan e a crítica em

favor da liberdade de expressão levaram a uma aproximação e ao conhecimento sobre os conflitos que marcam a situação atual da Turquia, com respeito principalmente às ações de repressão contra os cidadãos após a fracassada tentativa do golpe militar.

Zehra Doğan foi presa não somente por pintar o quadro da cidade destruída, mas também por postá-lo nas suas redes sociais, com a intenção de mostrar uma realidade e mobilizar pessoas, ao mesmo tempo e no planeta inteiro. O poder individual nas redes sociais está, em muitos sentidos, livre do controle institucional, o que incomodou o governo de Erdogan. A penalidade aplicada à artista pelo compartilhamento de seu trabalho nas mídias sociais fere brutalmente a liberdade de expressão. Nas mídias sociais a *#freezehradoğan* vem seguida da *#freepress*.

O artista britânico conseguiu fazer com que a arte de Zehra Doğan se tornasse conhecida pelo mundo, deixando também sua marca e seu posicionamento sobre o tema. O protesto de Banksy possibilitou que o objetivo de mostrar a realidade turca se concretizasse, levando à identificação, aproximação e adesão de pessoas aos movimentos sociais em rede em favor da liberdade de imprensa e de Zehra Doğan.

Em uma rápida pesquisa no Instagram a respeito da *#freeZehraDoğan* foi possível encontrar cerca de 3.255 *posts* relacionados em várias páginas, como CPJ (Comiteetoprotectjournalist), Gallerydelarue, NYC's Culture Curator Adlibris (*bookstore*) e outras páginas pessoais de usuários.¹⁵ O movimento teve força no Twitter, com petições para que os usuários assinassem e, no Facebook, com uma página dedicada à artista curda.¹⁶ Nos diversos posts relacionados ao movimento de Zehra Doğan é possível encontrar mensagens como *Free Turkey Media*, notícias e vídeos sobre sua história de vida, frases e áudios da artista na prisão, mensagens de apoio de cantores e atores famosos e imagens de protesto de Zehra Doğan, desenhadas por outros artistas.

O site *The Voice Project*, que, como acenamos, defende a liberdade de expressão e apoia a arte ativista, dedicou uma de suas abas ao movimento *Free Zehra Doğan*, na qual os interessados em apoiar a causa podiam fazer doações ou enviar uma mensagem ao presidente da Turquia e ao seu Ministro da Justiça, Abdulhamit Gul. Outro site, intitulado *Free Zehra Doğan*, foi dedicado às obras, à história da artista curda e à exposição realizada em seu nome.¹⁷

¹⁵ Busca realizada dia 6 de março de 2019 pela autora.

¹⁶ Disponível em: <https://twitter.com/furtherfield/status/876553093466525696>. Acesso em: 7 mar. 2019.

¹⁷ Disponível em: <https://zehradoğan.net/>. Acesso em: 7 mar. 2019.

Manifestações de rua também ganharam força, com mensagens como *Liberté pour Zehra Doğan*, escritas em balões de ar quente em formato de estrela. O balão foi feito em 2017 pela associação *Start Flakers* em Chambéry, cidade do departamento de Sabóia, localizado no Auvergne-Rhône-Alpes, região leste da França. A associação promove a cultura de balões de papel no mundo e levou o balão de Zehra Doğan a um encontro da ZAD Notre Dame des Landes, na França, onde foi planejada uma “Ocupação do céu” por balões grandes e pequenos.¹⁸

A estrela foi exposta, mas não lançada. O primeiro voo do balão foi em 2018, durante o Festival Internacional de Balão, realizado em Pátzcuara, município localizado a 2.140 metros acima do nível do mar no estado de Michoacán, México. O formato do balão foi inspirado em um depoimento de Zehra Doğan na prisão, no qual a jornalista curda diz que o que mais gosta no mundo “é observar as estrelas” e que a janela da sua prisão “se abre em uma parede, sem estrelas, sem pássaros voando livres”.¹⁹ O balão acompanhou o *Festival Autres Mondes 2018*, que é dedicado à exposição *Autres de Zehra Doğan*, realizado na França, Espanha e Alemanha.²⁰

Mais sobre a cultura da convergência

Sherry Turkle (2011) defende que a vida em rede permite que nos mantenhamos ao mesmo tempo escondidos e ligados aos outros, em uma proximidade sem intimidade. Essa proximidade reafirma elementos de identidade e estabelece fronteiras baseadas em cultura, arte e práticas sociais; as pessoas se conectam e se mobilizam, como já expressamos, quando dividem a mesma referência, recriando, produzindo e compartilhando mensagens e ideias em várias plataformas e meios. A ideia integra o que Jenkins (2009, p. 29) denomina cultura da convergência, referindo-se ao “fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídias, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação”.

Para Jenkins (2009), a circulação de conteúdo nos diferentes sistemas de mídia depende essencialmente da participação ativa dos consumidores, e a cultura da

¹⁸ ZAD é um neologismo francês usado para referir-se a uma ocupação militante cujo objetivo é bloquear fisicamente um projeto em desenvolvimento.

¹⁹ Disponível em: <http://www.kedistan.net/2018/08/05/mexique-zehra-dogan-rallumeuse-detoiles/>. Acesso em: 06 mar. 2019.

²⁰ Ao redor de Zehra Doğan (Tradução Livre)

convergência deve ser compreendida como uma transformação cultural, pois a convergência, como dissemos no início deste texto, não ocorre (somente) por meio de aparelhos e, sim (principalmente), no cérebro do consumidor. Trata-se de consumidores individuais e em interação com outros, e Jenkins (2009, p. 30) entende que se constrói nesse processo uma “mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações”. O diálogo entre indivíduos se dá por meio do compartilhamento de mensagens, ideias, valores, e confere a cada um a oportunidade de contribuir produzindo, modificando e compartilhando nas redes.

O ativismo em rede, de acordo com André Mesquita (2008), facilita a comunicação interna dos movimentos e a construção das comunidades virtuais. Essa ideia de organização de comunidade pelo uso de tecnologias chama a atenção para a autonomia possível do ativismo como fenômeno coletivo. Os protestos vão além das ruas, a circulação da informação é livre através de redes virtuais explícitas e difusas e a arte, nessa perspectiva, é uma arma simbólica (arte ativista). O coletivo Critical Art Ensemble (apud Mesquita, 2008, p. 42) sustenta que a arte pode agir como um catalisador para o pensamento crítico e imaginário, como um sinalizador de identidade política e de solidariedade.²¹ Nenhum trabalho individual jamais mudou o mundo, é a ação coletiva que importa.

Neste sentido, Santaella (2005, p. 7) entende não ser possível separar hoje comunicação e arte, uma indissociação que vem atingindo um ponto culminante na contemporaneidade. Convergir significa dirigir-se para a ocupação de territórios comuns, nos quais as diferenças se encontram sem perder seus contornos próprios. A arte e a comunicação estão conectadas na produção de sentido sobre o mundo, como articuladoras de conhecimento. As mídias sociais conferem aos artistas a possibilidade de fazer com que suas obras sejam “consumidas” por mais pessoas, viajando para além de suas fronteiras iniciais, chegando a outros povos e a outras culturas. Neste sentido, Santaella (2005, p. 68) defende o surgimento de uma nova estética, que transponha sem temor os limites que a tradição interpôs entre os caminhos da ciência e da arte.

Arte, compreensão e conhecimento

²¹ É um coletivo americano formado em 1987 e composto de cinco praticantes de mídia tátil, de várias especialidades, incluindo computação gráfica e webdesign, filme/vídeo, fotografia, arte textual e performances.

“Todas as mágoas são suportáveis quando fazemos delas uma história ou contamos uma história a seu respeito”, afirma Isak Dinesen, pseudônimo da escritora dinamarquesa Karen Blixen (1885-1962). A frase é citada por Hannah Arendt em *A condição humana*, uma obra publicada em 1958 (ARENDR, 2007, p. 188).

Um mês após a ação de Banksy em 2018 no muro em Nova York, Zehra Doğan escreveu uma carta na prisão e a enviou para o artista. Na carta, postada nas redes sociais de Banksy, a artista e jornalista agradecia a ele, afirmando que sua pintura em Nova York possibilitou a visibilidade de sua obra e cumpriu sua missão, a de mostrar ao mundo as atrocidades que estavam acontecendo na Turquia.²² A sua libertação condicional foi informada pela agência de notícias feminista e pró-curda *Jinnews*, no dia 24 de fevereiro de 2019, após 25 meses de prisão.²³

O autoritarismo, para Eni Orlandi (1995), é uma narcisa social, já que fixa um sentido único para toda sociedade, e a censura traduz a asfixia da circulação do sujeito e contribui para o silêncio fundador. Dessa forma Orlandi (1995, p. 24) entende que é o silêncio fundador que produz um estado significativo para que o sujeito se inscreva no processo de significação, mesmo na censura, fazendo significar por outros jogos de linguagem, o que lhe foi proibido. Zehra Doğan, assim como o artista britânico Banksy, significam o mundo por meio de sua arte.

Zehra Doğan constrói por meio de sua arte uma narrativa própria a respeito da situação das minorias na Turquia, descrevendo principalmente a situação das mulheres. A exposição *Autres de Zehra Doğan*, citada anteriormente, reúne obras originais da artista que conferem aos visitantes uma visão da realidade por ela vivida. Algumas das obras foram feitas dentro da prisão, com poucos recursos, tendo sido pouco antes liberadas para integrar o acervo.

A arte não é ela própria conhecimento, visão ou contemplação, porque antes ela qualifica de modo especial e característico essas suas eventuais funções. Para Pareyson (1997, p. 25), a arte revela, frequentemente, um sentido das coisas e faz com que um particular fale de modo novo e inesperado, ensina uma nova maneira de olhar e ver a realidade. Para Zehra Doğan, Banksy e outros artistas, a arte é o seu modo de conhecer e de interpretar o mundo.

²² Disponível em: <http://www.banksy.co.uk/>. Acesso em: 8 mar. 2019.

Vídeo sobre a carta de Zehra Doğan para Banksy. Disponível em: <https://www.facebook.com/PlayGroundBR/videos/vb.180311015697218/637267636668218/?type=2&theater>. Acesso em: 8 mar. 2018.

²³ Disponível em: <http://jinnews2.xyz/TUM-HABERLER/content/view/103276>. Acesso em: 6 mar. 2019.

A difícil busca pela compreensão do Outro (Hannah Arendt) talvez tenha sido o principal caminho para a união em prol da liberdade de Zehra Doğan. O público impactado pela obra de Banksy abraçou sua narrativa — e é preciso se ter em vista que abraçar outras narrativas, para Martino (2014, p. 24), consiste em “compreender outros conhecimentos, outros modos de ver o mundo, como possibilidade para se ver também outros mundos”. A compreensão como método postula, de acordo com Martino (2014, p. 34), três instâncias basicamente, sendo elas a abertura aos modos de ser sedimentados nas experiências cotidianas; a abertura epistemológica a outros saberes e, ainda, a abertura para o outro de forma relacional e dialógica em um movimento reflexivo de apropriação mútua.

O pensamento compreensivo pauta-se na abertura para tentar ver o que o outro está vendo, conhecendo, desta forma, o mundo pelo conhecimento do outro. No entanto, esse conhecimento não é apenas, como diz Martino (2014, p. 25), “resultado de entender os meandros de uma ‘visão de mundo’ no sentido estritamente weberiano, mas de compreender o modo como se chega a uma determinada visão” e, também, “de entender os andaimes do pensamento, ao mesmo tempo em que se revelam os fatores de construção do próprio pensamento”.

A abertura ao outro nos conduz ao pensamento buberiano da filosofia do diálogo, que compreende aquilo de essencial que acontece entre os homens, o mundo e Deus. Martin Buber (2004) afirma que o outro se reconhece em mim e eu me reconheço no outro, e que essa relação é essencial para a compreensão da existência humana: nós nos instituímos como humanos nessa relação. O profeta das relações propõe ao homem a realização da vida como uma existência fundada no diálogo, sendo o fenômeno da resposta essencial para a relação. A vida, para Buber, é um encontro.

A reflexão a respeito da vida dialógica nos aproxima da comunicação, entendida por Martín-Barbero (2004, p.24) como “o cenário cotidiano do reconhecimento social, onde se constituem e se expressam os imaginários dos temores e esperanças das pessoas”, significando “colocação em comum da experiência criativa, reconhecimento das diferenças e abertura para o outro”.

O caso Zehra Doğan nos revela a arte como um meio de produção de sentido sobre o mundo, com poder articulador de conhecimento, um meio de comunicação e de abertura ao Outro. Lotman (1978, p. 45), em seus estudos a respeito do texto artístico, afirma que, se uma obra de arte me comunica alguma coisa e serve aos objetivos de

comunicação entre um emissor e um receptor, pode-se distinguir nela a mensagem (o que é transmitido) e a linguagem (sistema abstrato determinado, comum ao destinador e ao receptor, que torna possível o próprio acto de comunicação). Lotman (1978, p. 27), fala sobre a necessidade de a arte assemelhar-se à necessidade do saber, “e que a própria arte é uma das formas de conhecimento da vida, uma das formas da luta da humanidade por uma verdade que lhe é necessária”. A arte é inseparável da procura da verdade (LOTMAN, 1978, p. 46).

Considerações finais provisórias

Os meios de comunicação na cultura da convergência abrangem diversas mídias e interações no ciberespaço, favorecem e popularizam plataformas, como no caso de Zehra Doğan, um movimento que foi do muro da cidade de Nova York para as várias plataformas digitais. Nele, a cultura da convergência se mostra em suas premissas, a possibilidade de cada indivíduo ser potencialmente um produtor de mensagens, como ocorreu na circulação de mensagens entre os usuários em protesto contra prisão da artista e jornalista curda, contando com a participação a partir de um esforço comum (afinidade).

Os laços, as conexões, as aproximações e as relações geradas na e pela sociedade em rede, à parte o fato de sua frequente superficialidade — e nesse sentido seria talvez oportuno distinguir entre conexões e vínculos, o que aqui não fizemos para não nos estendermos demais no assunto —, podem também ser mais ou menos fortes em torno de interesses e objetivos em comum. No caso estudado, esses nós, que entendemos como sendo fortes, levaram à produção e ao compartilhamento de mensagens em protesto contra a prisão de Zehra Doğan.

O movimento *Free Zehra Doğan*, que teve como um dos seus precursores o grafite de Banksy em Nova York, alcançou o mundo, em diferentes meios e plataformas, fazendo a voz da artista curda ser ouvida. Como dito anteriormente, Zehra Doğan conquistou em fevereiro de 2019 sua liberdade condicional, e numa reportagem a agência de notícias *Jinnews* comentou que não havia desculpas para não se agir. A

repercussão do caso de Zehra Doğan no mundo fez sua prisão valer a pena e deu a ela força e vontade de continuar lutando. A artista e jornalista curda não será silenciada.²⁴

Buber diz que a palavra falante é portadora do ser e através dela o ser humano se introduz na existência, enquanto Hannah Arendt (2007, p.189) afirma que é “com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano”. O diálogo como experiência humana forma a narrativa, a música e a arte: somos uma teia de relações e é no espaço de reconhecimento que ocorre a comunicação.

Comunicar é e sempre foi mais difícil e mais amplo que informar. Para Dominique Wolton (2006, p. 13), a comunicação é a busca da relação e do compartilhamento com o outro. Atravessa todas as atividades e é símbolo de liberdade, de democracia, de abertura, de emancipação e de consumo. Wolton (2006, p. 15) considera que comunicar é *ser*, no sentido de se buscar a própria identidade e autonomia, e *fazer*, quando se reconhece a importância do outro e se vai ao encontro dele. Wolton (2006) enfatiza em seus estudos a importância de “salvar a comunicação” para defender o ideal democrático e compreender que comunicar e coabitar estão entre os grandes desafios de paz e de guerra no século XXI. Na cultura da convergência, em que o fim das distâncias físicas revela a incrível extensão das distâncias culturais, a comunicação é um valor essencial para evitar que o choque real, provocado ou imaginado das culturas provoque verdadeiras guerras entre as civilizações.

Para Martín-Barbero (2004, p.71) comunicar é “tornar possível que homens reconheçam outros homens em um duplo sentido: reconheçam seu direito a viver e a pensar diferente, e reconheçam a si mesmos nessa diferença”. Barbero (2004) insiste que comunicação consiste em estar “disposto a lutar a todo momento pela defesa dos direitos dos outros, já que nesses mesmos direitos estão contidos os próprios”.

Assim, por diferentes lados e em diferentes autores, fica patente o entendimento e a experiência da comunicação em sua vinculação com a paz, a democracia, a compreensão — tópicos que a nossa breve conversa sobre o caso Zehra Doğan levantou em mais de um ponto. Outro tópico, de caráter invertido, foi o do autoritarismo, da censura e do silenciamento — e as pessoas encontram na arte uma saída para tecer seu discurso, sua narrativa a respeito do que as incomoda, do que fere sua existência. A arte é uma maneira de liberdade de expressão, de se fazer ouvir uma voz de protesto.

²⁴ Disponível em: http://insideart.eu/2019/03/01/rilasciata-lartista-curda-zehra-dogan/?fbclid=IwAR1DOc0Xx1YXM6u44ljC2wqeW3j0rDG_ZBInQ6beFlwSUVHfuJa-75-VyPs. Acesso em: 10 mar. 2019.

Para finalizar, reafirmamos o caráter reflexivo-ensaístico, conversacional do texto, bem no âmbito da proposta do ensaio como forma (Adorno) de expressão do pensamento e, também, da compreensão como método. Pretende-se que as discussões propostas a respeito da arte como articuladora de conhecimento e como meio para compreensão do Outro não sejam reduzidas a respostas fechadas, absolutas e com pontos finais. Porque, como diz Dimas Künsch (2011, p. 40), “na linha compreensiva do menos, ‘portanto’ e mais ‘talvez’, pode-se encontrar nesse tipo de intencionalidade uma chance de aproximação entre saber e sabedoria”. Compreensivamente, a arte pode, sim, ser pensada e vivida, solidária e complexamente, como um meio de abertura para com o Outro e de conhecimento do mundo e de nós mesmos.

Mesmo quando, como no caso da Turquia atual, acatando a sugestão de Hannah Arendt (2008), tenhamos que nos curvar diante da compreensão de que este, enfim, é o nosso mundo. A nossa casa.

Referências

ADORNO, Theodor. O ensaio como forma. In: COHN, Gabriel. **Theodor W. Adorno**. São Paulo: Ática, 1986, p. 167-187.

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ARENDDT, Hannah. Compreensão e político (as dificuldades da compreensão). In: **Compreender: formação, exílio e totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 330-346).

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **As formas do silêncio-no movimento dos sentidos**. [online]. 6. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. 8. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

FLUSSER, Vilém. **Ficções filosóficas**. São Paulo: Edusp, 1998.

FOLHA DE S.PAULO. Obra de Banksy que critica tratamento aos imigrantes é coberta em Londres. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/01/1733281-obra-de-banksy-que-critica-tratamento-aos-imigrantes-e-coberto-em-londres.shtml>. Acesso em: 5 mar. 2019.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

KÜNSCH, Dimas A.; MENEZES, José Eugenio de O. O terraço é o mundo: Vilém Flusser e o pensamento da compreensão. In: **Encontro Anual da Compós**, 25, 2016, Goiás, GO. Anais (on-line). Disponível em: http://www.compos.org.br/biblioteca/templatecompos2016finalcomautores_3296.pdf. Acesso em: 8 mar. 2019.

KÜNSCH, Dimas A.; MENEZES, José Eugenio de O.; PASSOS, Mateus Yuri. Conhecimento, compreensão e cultura: aspectos intersubjetivos e epistemológicos da compreensão como método. In: **Encontro Anual da Compós**, 26, 2017, São Paulo, SP. Anais (on-line). Disponível em: http://www.compos.org.br/data/arquivos_2017/trabalhos_arquivo_VM6PB76816RZN2_YHLBIA_26_5809_24_02_2017_09_56_35.pdf. Acesso em: 8 mar. 2019.

KÜNSCH, Dimas A.; CHIACHRI, Roberto; PASSOS, Mateus Yuri. O dedo indicador de Platão e a mão direita estendida de Aristóteles: cultura como movimento conversacional no contexto de um pensamento compreensivo. In: **Encontro Anual da Compós**, 27, 2018, São Paulo, SP. Anais (on-line). Disponível em: http://www.compos.org.br/data/arquivos_2018/trabalhos_arquivo_L3M8O2251OMM4J_SN0U66_27_6854_26_02_2018_13_20_05.pdf. Acesso em: 8 mar. 2019.

KÜNSCH, Dimas A. Saber, afeto e compreensão: epistemologia da comunicação e dialogia. **Libero**, v. 14, n. 27, p. 31-42, jun. de 2011. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/Texto-em-contexto-Saber-afeto-e-compreens%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2019.

LOTMAN, Iuri. **A estrutura do texto artístico**. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, D. (Org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder**. 2. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2004, p. 56-86.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MESQUITA, André L. Insurgências poéticas: arte ativista e ação coletiva (1990-2000). Dissertação (Mestrado em História Social) - Departamento de História da Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 429. 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-03122008-163436/en.php>. Acesso em: 7 mar. 2019.

O GLOBO. Banksy revela novo mural em Nova York. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/artes-visuais/banksy-revela-novo-mural-em-nova-york-22499450>. Acesso em: 6 mar. 2019.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da estética**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTAELLA, Lucia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?**. São Paulo: Paulus, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

TURKLE, Sherry. **Alone together: why we expect more from technology and less from each other**. New York, Basic Books, 2011.

WOLTON, Dominique. **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.

Texto recebido em: 29/09/2019

Texto aprovado em: 10/02/2020